

CAMINHO DAS MISSÕES: ETNOGRAFIA DE UMA PEREGRINAÇÃO TURÍSTICA

Ceres Karam Brum¹

Resumo: Numa perspectiva da produção de representações sobre o passado missioneiro na atualidade, a proposta do texto é apresentar algumas reflexões sobre o pacote turístico *Caminho das Missões* no referente às apropriações do passado e seus usos. Pretende-se focar, por um lado, a produção e venda de um olhar pela empresa turística, que aproveita o espaço dos Sete Povos e sua história e, por outro, o produto a ser consumido, numa modalidade liminar de turismo cujos participantes se identificam como peregrinos. A partir da análise das categorias acionadas nas relações entre o passado e o presente - que promove o turismo como comemoração da “civilização jesuítico-guarani” a par das relações estabelecidas individualmente pelos participantes - é possível pensar sobre identidades, espaço, memória, imaginário e religião através dos usos privados de uma história, de seus mitos e suas recepções.

Considerações Preliminares

Em abril de 2003, ao fazer um *tour* por Santo Ângelo durante as atividades do pacote turístico Circuito Internacional das Missões, que estava etnografando, como parte do campo de minha tese de doutorado me deparei com a sede do Caminho das Missões. Surpreendida com a novidade da proposta turística agendei minha caminhada para os dias 10 -17 de maio de 2003. Adquiri o pacote ao preço de R\$ 490,00 que incluía: palestra sobre o passado missioneiro e Caminho das Missões, camiseta, cajado e cruz missioneira, traslado Santo Ângelo/São Nicolau; refeições e hospedagem durante os seis dias e almoço de encerramento em Santo Ângelo. O Caminho das Missões é definido por seu idealizadores e executores:

O projeto Caminho das Missões Jesuítico-guaranis é um roteiro místico/cultural de peregrinação que percorre os mesmos trajetos que ligavam os antigos povoados missioneiros que compunham o conjunto – urbano e rural - das Missões Jesuíticas, cujos remanescentes encontram-se hoje situados em parte do território brasileiro, argentino e paraguaio. As antigas trilhas guaranis, os caminhos missioneiros e, depois, as velhas estradas dos tropeiros serviram de orientação para o traçado do

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul PPGAS-UFRGS. Pesquisa orientada pelo prof. Ruben George Oliven e financiada pela CAPES. Texto apresentado na XXIV Reunião Brasileira de Antropologia ABA. Recife, junho 2004 no Fórum de Pesquisa *Cultura como atrativo turístico*.

caminho que ora se apresenta como uma jornada de peregrinação mística, ou de pesquisa, lazer ou esporte. (www.caminhodasmissoes.com.br).

A definição do projeto como peregrinação em sentido ampliado, cruzada ao seu caráter comercial me incitou a peculiarizá-lo como uma das leituras do passado no presente, calcada na produção de um conjunto de representações com fins turísticos desenvolvida na região das Missões, efetuando uma interpretação de alguns aspectos atribuídos a este passado para oferecê-los aos peregrinos como o projeto Caminho das Missões.

As Missões Jesuítico-Guaranis conforme a historiografia dominante corresponderam a uma experiência de integração colonial² dos habitantes originários guaranis e de seus territórios empreendida pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus, a serviço da coroa espanhola na América Platina, durante os séculos XVII e XVIII, na Província Jesuítica do Paraguay que compreendia parte dos atuais territórios do Paraguay, Argentina, Uruguay, Paraná e Rio Grande do Sul.

Em termos factuais a construção das Missões no Rio Grande do Sul pode ser pensada em dois momentos: o primeiro iniciado com a fundação de São Nicolau do Piratini pelo Pe. Roque Gonzales em 1626 e que se protraí até 1640 com a destruição dos povoados em virtude da atuação dos bandeirantes portugueses, que em busca de mão de obra os invadiram para prear os guaranis reduzidos. O segundo momento (1682-1756) é o correspondente à construção dos Sete Povos das Missões³ e pode ser pensado, no contexto dos Trinta Povos, como marco da expansão das fronteiras da coroa espanhola no Prata, em oposição à atuação lusitana. Esse contexto se modifica com a desestruturação dos Sete Povos das Missões em virtude da Guerra Guaranítica (1754-1756), ocasião em que os guaranis missioneiros lutaram contra os exércitos unidos das duas coroas, se opondo à troca acordada entre as mesmas no Tratado de Madrid (1750) da Colônia do Santíssimo Sacramento, pertencente a Portugal, pelos Sete Povos das Missões possessão da Espanha.⁴ Apesar da resistência dos índios guarani-missioneiros a troca de territórios se efetuou iniciando, a partir de então a colonização portuguesa na região.

A permanência de elementos jesuítico-hispano-guaranis na história da região em concomitância ao mascaramento das identidades portuguesas é interpretada de diversas formas. Alguns aspectos desta experiência passada são representados por historiadores e pela

² TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo, Martins Fontes, 1993, p. 107 e SCHALLENBERGER, Erneldo. *A integração do prata no sistema colonial: colonialismo interno e Missões Jesuíticas do Guairá*. Toledo, Ed. Toledo, 1997.

³ Os Sete Povos das Missões foram fundados entre 1682-1706: São Borja, São Luiz Gonzaga, São Nicolau, São Lourenço Martir, São Miguel, São João Batista e Santo Ângelo.

memória coletiva⁵ como uma “mescla” de elementos jesuítcos-guaranis. É justamente através da recepção e formatação dessas representações historiográficas e literárias que o Caminho das Missões constrói e comercializa o projeto de peregrinação turística que se desenvolve no espaço de seis dos Sete Povos das Missões:

O encontro de duas culturas diferenciadas: a guarani e a européia, deu origem a um novo modo de ser, o **missioneiro** desenvolvido com base em uma rígida organização social e econômica que se destacou no contexto colonial. A originalidade da cultura guarani, alicerçada no solidarismo e reciprocidade encontrou nas inovações técnicas trazidas da Europa, como a escrita, imprensa, metalurgia, arte e arquitetura barroca, as condições ideais para o grande desenvolvimento alcançado. (GUIA DO PEREGRINO p.5).

A concepção do modo missioneiro de ser enquanto peculiaridade da região se constitui na razão de ser do projeto, o produto comercializado pela empresa turística desde 2000 como forma de fomentar o turismo na região⁶. O aproveitamento desses aspectos se dá não apenas através de uma apropriação do espaço missioneiro das estradas, dos sítios arqueológicos tombados como patrimônio nacional e mundial da humanidade e demais atrações da região, mas também de uma relação com o seu imaginário mítico-religioso, sua gastronomia, entre outros aspectos que compõem “um modo missioneiro de ser” percebidos pela empresa promotora como um conjunto de características identitárias forjadas ao longo do processo histórico da região.

Desenvolvimento

A Peregrinação de 189 Km do Caminho das Missões ocorre periodicamente a partir do fechamento dos grupos de até 15 pessoas e se inicia com a recepção pela empresa promotora em Santo Ângelo seguida da palestra de abertura quando os peregrinos oficialmente se encontram pela primeira vez. A empresa promotora distribui aos participantes o Guia do Peregrino onde constam informações gerais sobre o trajeto e aspectos da cultura e história da região. Ela possui também um site onde me informei sobre os requisitos para participar da atividade:

Da preparação do peregrino. (...) É interessante que o peregrino defina um trajeto próximo a sua casa para preparar-se meses antes: caminhar carregando uma mochila com aproximadamente 10% do seu peso dele e, à medida que aumentar a resistência, ir aumentando o trajeto.

⁴ SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo. *Guerreiros e Jesuítas na utopia do Prata*. São Paulo: EDUSC, 2000.

⁵ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/ Editora dos Tribunais, 1990.

⁶Segundo Marta Antônia Benatti, uma das sócias da empresa, na palestra de recepção ao grupo: - “Então a gente acreditando no potencial turístico, resolvemos fazer por nós e trabalharmos o que a nossa região tem” (fita k71A).

O que levar? Cada pessoa decide carregar, mas o que sugerimos para o caminhante é o seguinte; 1 mochila leve; 1 capa de chuva; 1 par de tênis ou bota especial para caminhada (já amaciado); 1 chinelo; 1 cantil leve; 2 camisetas; 1 bermuda ou short; 4 pares de meias (grossa de algodão); 2 pares de meia fina; 1 caderno pequeno de notas; 1 máquina fotográfica pequena e leve; 1 conjunto de moletom (tactel ou suplex); 1 chapéu ou boné; material de higiene pessoal; medicação pessoal; saco de dormir; protetor solar; repelente de insetos; gelol; vaselina pasta; dorflex; band-aid; esparadrapo microporo; atadura; e 1 lanterna pequena. (www.caminhodasmissoes.com.br).

O preparo físico e os equipamentos adequados são assinalados pela empresa promotora como indispensáveis à peregrinação, o que se confirmou no contato com o grupo ao chegar em Santo Ângelo: pessoas de diversos lugares do Brasil, todos com mais de 40 anos a maioria muito experiente em termos de caminhadas de longas jornadas o que observei pelo equipamento e conversas a respeito de outros caminhos brasileiros e especialmente o de Santiago de Compostela na Espanha – um referente maior para todos eles.⁸. Neste sentido, a participação majoritária do grupo no Caminho das Missões se insere em um contexto mais amplo – o ser peregrino, representado por relações de identidades e pertencimentos de todos e de cada um com o projeto do Caminho das Missões, a partir de uma dialética que os trazia as Missões por diversas razões estreitamente relacionadas ao fato de se perceberem como peregrinos em busca de novos caminhos.

Assim, as relações estabelecidas com a região das Missões e o seu passado pelo grupo de peregrinos etnografado se construiu através desta tensão que inclui as características do trajeto e o clima; as condições do Caminho em termos de hospedagem, alimentação, o condicionamento físico de cada um, as relações interpessoais entre o grupo e as pessoas da região com que nos deparamos, as atrações oferecidas e a intermediação fornecida pelo Caminho das Missões como responsável por sua realização.

É a entrega do símbolo do caminho – a cruz missioneira - e do cajado o que marca ritualmente a entrada no universo peregrino do Caminho das Missões.

⁸13 pessoas participaram dos 7 dias de caminhada: Valderes, Alice e Antonio, Vera e Gustavo de Brasília-DF; Oswaldo e Maria Luiza de Campinas-SP; Elísio de Belo Horizonte-MG; Vera e Carmem de Santa Maria-RS; João de Canoas-RS; Uma senhora de Caxias-RS que pediu para não ser identificada. Destes 5 já haviam feito o Caminho de Santiago e apenas uma pessoa faria sua primeira caminhada – além de mim naturalmente. Elísio em 10/05/2003 me informou sobre alguns caminhos brasileiros mencionando seus sites para consulta e sobre as associações regionais e nacionais existentes, citando os caminhos: da Fé; do Sol; da Luz; Os Passos de Anchieta; Estrada Real www.caminhodafé.com.br; www.caminhodosol.com.br; www.carangola.com.br; www.abapaorg.com.br; www.estradaareal.org.br, a Associação Caminho de Santiago de Compostela www.caminhodesantiago.com.br e a Associação de Peregrinos de Belo Horizonte: www.bhgrino.com.br João, Carmem e Vera mencionaram a existência de um caminho na região da Quarta Colônia próximo a Santa Maria-RS de que participaram no carnaval de 2003. (Diário de campo n° 3).

- Pessoal a cruz missioneira ela é feita em cedro que é uma madeira macia ela é feita por um artesão. Nós não comercializamos, cada um ganha a sua. Se perder ou não quiser carregar a sua cruz é uma coisa muito pessoal. A gente entrega ela, ela fica um talismã prá vocês, cada um tem a sua religião e acreditando que Deus está no coração de vocês, desejando a vocês uma boa caminhada e até breve!
- Qual o significado da cruz?
- Eu vou deixar pra guia lá de São Miguel. Vou dizer pra vocês que é a fé redobrada. Na verdade em São Miguel tem uma cruz original.

O guia do peregrino se refere à cruz missioneira como:

A cruz missioneira é o símbolo místico da região. Esta é uma cruz episcopal que teve origem na Idade Média utilizada pelos cristãos nas cruzadas. Também teve grande importância entre os Cavaleiros Templários. Os jesuítas trouxeram para a região a cruz de Caravaca (localidade da Espanha) que acabou tomando características próprias sendo conhecida como cruz missioneira. A população católica personifica nos dois braços a fé redobrada. (GUIA DO PEREGRINO:7)

A produção e a recepção da simbologia cristã remetem à religiosidade daquelas pessoas que se definiam como peregrinos. No entanto, creio que esse invólucro simbolizado de forte religiosidade pode ser pensado em termos de uma dupla apropriação dos mesmos, tanto pela agência promotora quanto pelos peregrinos na conformidade de utilização desses símbolos que passaram a portar. Um paralelo com o caminho de Santiago de Compostela⁷, (cujo símbolo é a vieira) por exemplo, remete a questão da difusão da lenda da chegada da barca que conduzia Santiago a Padrón na sua pregação à Galícia. No tocante as Missões, a cruz de dois braços é regionalmente associada com a sua história e utilizada para sinalizar os trevos de acesso as cidades.

Por outro lado, sua utilização como símbolo de evangelização remete a atuação dos próprios jesuítas, conforme expressa o padre Antônio Sepp⁸ (1985 [1710]:191) na demarcação do território de São João Batista: “Na outra manhã ao nascer do sol subimos o outeiro onde erigimos o estandarte da cruz salutar, em sinal da tomada da posse daquela terra” (1985 [1710]: 203).

A cruz já em Sepp enseja uma série de sentidos relacionados á boa atuação do cristianismo. No Caminho das Missões a cruz de dois braços – missioneira – ao representar a fé redobrada do povo se transforma em símbolo místico protetor dos peregrinos que a aceitam e incluem em sua indumentária. No entanto, a utilização da simbologia cristã não é a

⁷ Realizei a peregrinação a Santiago de Compostela em maio de 2004 percorrendo 778 km entre Saint Jean Pied Port e Santiago de Compostela com o intuito de entender as constantes menções efetuadas ao Caminho de Santiago pelos peregrinos das Missões. Constatei uma aproximação dos dois caminhos em termos da construção das identidades dos peregrinos e da simbologia utilizada além de outros aspectos que destacarei ao longo desse texto.

⁸ SEPP, Antonio. *Viagem às Missões Jesuíticas e trabalhos apostólicos*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1985.

motivação única do ser peregrino. Danièle Hervieu-Léger contempla a peregrinação como forma de religiosidade contemporânea, individual, móvel e dinâmica, utópica, cuja prática envolve um leque vasto e liminar de motivações.⁹

As motivações e sentidos construídos acerca das Missões e percorrer o caminho não são externadas espontaneamente. São pouco objetivadas, múltiplas, construídas e transformadas ao longo da peregrinação. Como também observei no Caminho de Santiago o “ser surpreendido pelo caminho” e a reflexão sobre uma guinada radical, uma decisão a ser tomada pode se constituir em motivação para prosseguir ou iniciar uma peregrinação.

Essa pluralidade de motivações se relaciona certamente a configuração e ao reconhecimento de um trajeto como sagrado ou a um espaço tradicional, conduzindo a idéia de passado/história e as relações de comemoração, de crítica que com ele se estabelecem que, por sua vez, remetem a construção das identidades grupais e a construção de si.¹⁰ Neste sentido, as motivações se referem, no Caminho das Missões, ao interesse pela história da região e sua diversidade cultural, como ilustram as considerações feitas por Gustavo em um debate animado durante o rápido apanhado histórico oferecido sobre as Missões, objetivando esclarecer o grupo sobre a história da região, antes de rumarmos para São Nicolau:

- A Companhia de Jesus sempre teve uma relação conflituosa com o papado. O livro – O papa negro – mostra que a organização do jesuíta é militar. Eu acredito pelo que se lê nos livros de história é de que quando os caras disseram pra eles irem embora daqui eles foram embora mesmo, mesmo que contrariados, obviamente um ou dois ficou e alguém organizou os caras para eles combaterem. Porque também não eram só jesuítas tinham outras pessoas aí. O tratado é uma renegociação do tratado de Tordesilhas, este é o primeiro passo de que eu acho que você tem que começar falando aqui é o seguinte: da renegociação do tratado de Tordesilhas que vinha cortando de reto lá de cima. E há nele, no Rio Grande do Sul, além do Tratado de Madri teve também a ação de nós próprios gaúchos aqui que empurramos as nossas fronteiras mais pra longe, porque ela é completamente irregular e uma fronteira de tratado é uma coisa mais regular. Então a origem, a primeira grande intenção do tratado de Madri foi refazer, repensar o Tratado de Tordesilhas.(Fita k7 1 A).

A fala demonstra um conhecimento contextual da questão do Tratado de Madrid e da Guerra Guaranítica como decorrência das disputas coloniais entre Portugal e Espanha nas terras americanas. Segundo sua visão houve uma influência por parte dos jesuítas na coordenação a resistência guarani na troca dos Sete Povos por Sacramento, mesclada a questão de sua expulsão em 1768. Por outro lado, Gustavo menciona a questão da formação

⁹ HERVIEU-LEGER, Danièle. *Le pèlerin et le converti*. Paris: Champs/Flamarion, 1999.

¹⁰ Habermas, Jürgen. *Écrits Politiques*. Paris: Flamarion/Champs, 1990 p.237. Ao longo do texto, ao analisar algumas visões sobre o nazismo ele enfoca as diferentes modalidades de reação com o passado e seus desdobramentos, abordando os usos políticos deste passado recente na Alemanha.

das fronteiras no Rio Grande do Sul e se identifica como gaúcho⁹, reconhecendo a atuação do tipo humano na formação do território. Implicitamente, há uma intenção de exaltação a atuação guerreira dos gaúchos como decorrência deste processo histórico colonial, contextualmente relacionado já com tratado de Tordesilhas e com o de Madrid – foco do nosso debate. Mas relacionado também à possibilidade de revificação deste passado enquanto objeto de debate através da visitação desses vestígios como atividade de “peregrinação”, logicamente relacionada a processos identitários da construção da própria definição do que é ser peregrino e estar nas Missões em contato com o modo de ser missioneiro e sua recepção.

Em sentido similar ao interesse pela história da região e atualização do estereótipo do gaúcho guerreiro, cabe também salientar como parte da motivação para peregrinar a curiosidade pelo exótico através de perguntas sobre a permanência dos índios guaranis próximos aos povoados e sobre os costumes gaúchos. Esse interesse/ abertura para conhecer “o outro” aproximam o peregrino das Missões do turista¹¹, na medida em que o recolhimento e o isolamento da concepção medieval de peregrino em busca de purificação é permeado pela curiosidade de conhecer a região e interagir com ela.

Na primeira noite, em São Nicolau fomos convidados a ir até o CTG – Centro de Tradições Gaúchas. Havia pessoas no grupo em primeira visita Rio Grande do Sul e suas perguntas aos gaúchos sobre os trajes, seus nomes e o lugar ocupado na questão do típico por uma mulher que vestia xiripá – traje masculino - foram pontuadas pelas relações que cada um de nós como gaúchos estabelece com o tradicionalismo e regionalismo no estado e a dimensão adquirida pelo movimento no espaço das Missões em termos da construção imbricada das identidades missionárias e sua utilização, O CTG se configura em espaço privilegiado de sociabilidade em cidades pequenas do Rio Grande do Sul e a linguagem utilizada é pontuada por termos regionais.

Na visita que fizemos ao sítio arqueológico de São Nicolau este foi mencionado pela guia como “a primeira querência do Rio Grande” criada em 1626, correspondendo assim, sua fundação ao primeiro ciclo missionário no Rio Grande do Sul¹² e não como do segundo (ocasião da fundação dos Sete Povos das Missões. São Nicolau fundado em 1687 – em local diverso, mas muito próximo de sua primeira fundação.¹³ Esta manifestação coloca a questão

⁹Gustavo (gaúcho) é Relações Públicas aposentado da Petrobrás e vive em Brasília, casado com Vera (maranhense) que é médica. Ambos ótimos contadores de piadas de gaúcho.

¹¹ A definição de turismo utilizada é a da OMT (Organização Mundial de Turismo) que enfoca a questão do deslocamento. As reflexões das necessidades, interesses e motivações do turista se relacionam à perspectiva de PINSKY, Jaime e FUNARI, Pedro Paulo. (orgs.) *Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

¹² SIMON, Mário *Os sete Povos das Missões: trágica experiência*. Santo Ângelo, 1984 p. 16.

¹³ Iden p. 32.

da diversidade de relações estabelecidas na elaboração das identidades missioneiras e suas implicações. A apropriação efetuada pelo turismo oferecido no Caminho das Missões com relação a São Nicolau advém do fato de o município possuir ruínas missioneiras do segundo ciclo no período de construção dos Sete Povos das Missões.

Relacionalmente São Nicolau é identificada externamente a partir de sua segunda fundação. No entanto, as identidades missioneiras geradas a partir do município (apesar de os vestígios que visitamos pertencerem ao segundo ciclo) são forjadas em termos da sua primeira fundação identificando-se São Nicolau com o local onde nasceu o Rio Grande do Sul.

No certificado de hospede oficial do município, conferido aos peregrinos das Missões, há uma gravura do “Passo do Padre”, designação atribuída ao local onde Roque Gonzáles rezou a primeira missa, com os seguintes dizeres: “aqui nasceu o Rio Grande em 03 de maio de 1626”. Não há vestígios arqueológicos que atestem o local da primeira fundação de São Nicolau ou o da primeira missa. O Passo do Padre foi concebido como um espaço de comemoração do passado pela atual administração do município que utiliza essa relação com a primeira querência e constrói um espaço a ser comemorado.¹⁴

Querência ou querença é “o lugar onde alguém nasceu, se criou ou se acostumou a viver, e ao qual precisa voltar quando dele afastado; é o local onde habitualmente o gado pasta ou onde foi criado; pátria, pago, torrão, rincão, lar.”¹⁵ O termo apresenta uma ligação com a terra e com costumes arraigados, dando uma idéia de pertencimento e continuidade da existência em um local como condição de sobrevivência. Sua utilização remete a terra como fator identitário preponderante. Não é o tempo/momento de fundação que está sendo levado em consideração como diacrítico, na construção das identidades missioneiras em São Nicolau, mas o espaço – a terra, a região, em si como um lugar de memória das Missões, não havendo em termos da apropriação uma diferença entre os dois ciclos missioneiros para a estruturação de São Nicolau, que percebe e os trabalha em termos de continuidade, inclusive com o momento presente cuja intenção é construir um imaginário abarcador de diversos momentos, relacionando passado e presente: 1626 fundação; 1687... edificações; 2003 turismo relacionando e aproveitando os dois momentos passados.

Há uma proposta de comemoração na forma de sua enunciação, pois São Nicolau é apropriado pelo município em termos de uma linguagem regional, sendo visto, ao se designar como 1ª querência não apenas como local de nascimento do Rio Grande do Sul, mas também

¹⁴ THIESSE, Anne-Marie. A criação das identidades nacionais. Lisboa: Temas e Debates, 2000.
AUGÉ, Marc. Le Temps en Ruines. Paris, Galilée, 2003.

como lugar originário do gaúcho, coincidindo com as representações construídas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho sobre as Missões, conforme a tese de João Cezimbra Jacques – patrono do tradicionalismo no Rio Grande do Sul ¹⁶ e o poema de Jaime Caetano Braun, bastante recitado no município:

“Nem se fundava o Rio Grande
Nem o lendário Viamão,
O pago era céu e chão,
Coxilha várzea e peráu,
E o Uruguai dera vau numa apoteose bravia
E o gaúcho antenascia no velho São Nicolau”

O conjunto de representações produzidas em São Nicolau demonstra uma circularidade entre um imaginário tradicionalista/ imaginário político (imagem do município veiculada pela guia) através da apropriação de um evento passado e sua memória na construção relacional das identidades missioneiras, bem como o tradicionalismo em São Nicolau.

Por seu turno, o projeto turístico Caminho das Missões que se coloca como “de encontro” às necessidades de desenvolvimento do município não aborda as contradições mencionadas em termos históricos, deixando a cargo do próprio município a construção e divulgação da sua visão de história e sua veiculação em termos de ser missioneiro. O turismo se situa neste sentido como oportunizador do contato com a diversidade regional (veicula e explora o modo de ser missioneiro, deixando em aberto sua interpretação), a menos que certos comportamentos sejam percebidos como incompatíveis. O chimarrão é citado pelo Guia do Peregrino como um dos costumes legados pela cultura guarani-missioneira, com a recomendação que segue:

- se você aceitar tomar um chimarrão, representação da comunhão e solidariedade gaúcha, saiba que a tradição manda que o líquido seja sorvido até se ouvir o ronco típico da cuia vazia. (Guia do Peregrino p. 6)

No entanto, ao longo do Caminho das Missões, observei os moradores dos locais por onde passamos se resignarem, permitindo aos peregrinos sorverem um gole ou dois de chimarrão e logo a seguir entregarem a cuia ainda cheia. Esses exemplos ilustram que as relações estabelecidas com o típico pelos peregrinos no Caminho das Missões, se dão a partir

¹⁵ NUNES, Zeno Cardoso. Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993, p. 409.

¹⁶ JACQUES, João Cezimbra. Assumptos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1912, p. 195 “além de ser o gaúcho sul-riograndense, como o platino cruza com o guarani das Missões; de além e de aquém do rio Uruguay, com o elemento branco ibérico (...)”

de sua abertura para o contato com o diverso, numa tentativa de integração temporária com a situação vivenciada. As identidades dos peregrinos se constroem através do caminhar por sua passagem e do estabelecimento de relações com o local, não em identificação com o mesmo.

Por seu turno, as pessoas com que nos deparamos nos locais de hospedagem e alimentação, solicitavam que deixássemos mensagens para elas. Os recados, segundo os coordenadores do Caminho das Missões serviriam como sugestões para melhorar a qualidade dos serviços oferecidos. No entanto, para nossos anfitriões adquiriam o sentido de marcar nossas presenças em suas vidas. A maior parte dos peregrinos assinava seus livros agradecendo pelo tratamento que nos dispensavam, sem coragem de externar outros sentimentos ou efetuar sugestões, temendo que os pudessem magoar. Esta situação se configurou, em uma intenção da construção de familiaridade, descomercialização e estreitamento dos laços entre peregrinos e hospedeiros, por um lado, mas também conduziu a um certo “desarmamento” dos peregrinos frente às precárias condições de hospedagem e alimentação do Caminho.

Iniciamos nossas atividades de peregrinos na manhã seguinte em São Nicolau. Caminhar era o objetivo do grupo que se dispersou em uma longa fila pela estrada de chão, seguindo as setas amarelas indicativas do Caminho das Missões, cada um no seu ritmo. Mochilas nas costas, cajados na mão, cruz missioneira no pescoço, bonés e óculos para proteger do sol numa bela manhã de maio. Tênis ou botina nos pés, meias especiais e conversas durante o trajeto sobre os equipamentos¹⁰ mais adequados, cujos preços para os peregrinos não se constituíam em um gasto supérfluo, mas em condição primordial para o bom andamento da peregrinação.

Ao caminhar a primeira sensação que tive foi de desconforto – carregar aquela mochila por 31 km já no primeiro dia, um verdadeiro desafio e um risco de danos físicos. Suportar a dor nas costas, o calor, a terra, o peso da mochila. Percebi ao longo daqueles sete dias que isso era o que importava para os peregrinos. Vencer o caminho, passo a passo sorvendo os odores, enfrentado o vento, as pedras, tentando se adaptar a elas se equilibrando na mochila ou de mãos dadas com quem apenas ontem conhecemos, mas que pelo caminho

¹⁰ Oswaldo e Maria Luíza de Campinas que usavam botinas Reebok Tundra Rike me informaram a respeito do preço de alguns equipamentos: R\$ 94, 00 a botina acima, enquanto a Salomon, mais resistente, custa em torno de R\$ 300,00. As meias especiais R\$ 45,00. Uma boa mochila – que deve ter peiteira e barrigueira para distribuir o peso – custa em torno de R\$ 400,00.

trilhado conjuntamente e pelas experiências compartilhadas parece tão próximo. O caminhar e o ser peregrino podem ser pensados em suas liminaridades¹⁷ como “um distante próximo.”

Porque o caminhar é permeado pela ocupação do espaço e da distância, em vários aspectos: o próprio caminho a ser percorrido que a cada passo é vencido, mas também no caso de uma caminhada em grupo – como o Caminho das Missões - o distante próximo é também uma constante na relação estabelecida entre os companheiros de caminhada, bem como com o amigo peregrino (designação dada ao guia no Caminho das Missões), pois esse tipo de atividade é concebido e representado num ambiente em que a maior parte das coisas é obrigatoriamente compartilhada.

Alguém que conhecemos há algumas horas à noite dorme profundamente ao nosso lado, pois os alojamentos são conjuntos e mistos. Os banheiros também e obrigatoriamente há uma intenção expressa para que ocorra uma aproximação e trocas nas relações interpessoais de conhecimento mútuo, como de diagnósticos, remédios, massagens e curativos. Há um ambiente de integração e camaradagem recíproca, tanto durante o trajeto quanto nas paradas para almoço e hospedagem.

No segundo dia no final da manhã chegamos a São Luiz Gonzaga nosso segundo local de visitação. A sensação de entrar em uma cidade por sua entrada principal caminhando com a mochila nas costas, pedindo a beira da estrada água para abastecer os cantis e banheiro fez com que refletisse acerca da passagem e do desprendimento. Segundo Valdez:

- Quando eu vim pra cá eu me interessei por conhecer melhor a hospitalidade do povo do Rio Grande, um povo encantador. Às vezes o peregrino fica com receio de parar nas casas e conversar, de pedir alguma água, alguma coisa, e os moradores às vezes não querem se apresentar por timidez. E quando acontece essa apresentação, essa parada realmente se sente muito de terno e eu fiquei impressionado com a hospitalidade, Eles abrem a casa como se fossem velhos amigos, etc. A gente entra e sai das casas com muita naturalidade usa banheiro, água. (FITA K7 2 A)

O caminhar para os peregrinos é a forma escolhida para conhecer o mundo e também para se auto-conhecer e se identificar, simboliza uma busca através da situação de extrema simplicidade e desprendimento, no contato com pessoas desconhecidas. Oswaldo me relatou:

- Bem, ah, o Caminho foi, era um sonho que eu tinha de percorrer e era um sonho também percorrê-lo com a minha mochila e a mochila representa o símbolo, qual seja: tudo o que eu trago está nela. Então é um sinônimo de despojamento: aquilo

¹⁷ TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974. As liminaridades se relacionam à tentativa de definição das identidades peregrinas no tocante a sua aproximação com o turismo P. 117, liminaridade como exame de valores e relação entre o estado religioso e semi-religioso p.202 e da peregrinação como processo ritual de reversão de status p.228.

que eu não posso carregar eu não posso levar então não é imprescindível. (FITA K7 2 A)

A mochila é percebida por ele como o símbolo do despojamento, da essencialidade do que não pode faltar, todo o resto é descartável não se constituindo em estritamente necessário. O peregrino se reconhece e identifica como alguém capaz de viver com muito pouco – durante as caminhadas. A peregrinação é uma projeção, cujo objetivo não é apenas superar os próprios limites físicos, mas se auto-perceber sem os invólucros, as correntes de ouro da vida diária, ser capaz de conviver consigo mesmo e com os outros sem falsas aparências, segundo destaca Vera Therezinha:

- Bom, todo o caminho ele é muito importante porque faz a gente refletir sobre o próprio caminho da vida de cada um, então é o momento que a gente tem pra fazer esta reflexão, reavaliar a própria vida, as experiências e trabalhar um aspecto muito difícil no ser humano que é o desapego, porque permanecendo tantos dias juntos nós exercitamos o apego que é o laço que une as pessoas e nós devemos exercitar o mais difícil que é o momento da separação que é o exercício do desapego. E as pessoas são bem mais felizes, mais saudáveis mentalmente e espiritualmente quando as pessoas exercitam e vivenciam o amor, a solidariedade, a tolerância, o respeito, a alegria e ao mesmo tempo saber se separar. (FITA K7 2 A)

Esta auto-representação evidencia uma questão importante para entender os peregrinos, pois o despojamento e o desapego não são obrigatoriamente características pessoais de cada um, mas um aspecto circunstancial da peregrinação e de indivíduos que se propõem através da mesma de se distanciar do seu mundo a que depois retornam. Para Antonio:

- A proposta turística é um lado da história, qualquer caminho tem a função de abstrair a pessoa do sistema, a pessoa sair um pouco do sistema de trabalhar, produzir, consumir e enfrentar desafios, todo mundo precisa ter desafios e aceitar esse desafio próprio é importante né. As pessoas hoje se atiram a natureza com esportes radicais e contato com a natureza e o caminho é uma das formas principalmente para as pessoas de uma certa idade que não vão se pendurar em rapel, não vão digo assim, nós não vamos pular de pára-queda, enfim eu acho isso muito bom pra gente sair do sistema, arejar a cabeça então é importante (FITA K7 1B)

A peregrinação é representada como uma atividade que ocorre em um mundo dominado pela ideologia individualista em oposição às sociedades holistas tradicionais em que o indivíduo não é percebido como valor primordial.¹⁸ Louis Dumond relaciona a gênese do individualismo com surgimento do cristianismo como religião, pontuada por uma passagem do indivíduo fora-do-mundo ao indivíduo-no-mundo. No Caminho das Missões os

¹⁸ Louis Dumond em *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985. p.50.

indivíduos se reconhecem enquanto valores primordiais, como componentes de uma sociedade individualista em que a *communitas*¹⁹ buscada de existência e êxtase para uma possível negação desse individualismo se inscreve a compra do pacote Caminho das Missões, numa lógica capitalista do estabelecimento da relação homem/coisa. A experiência da projeção de uma vida simples e um certo retorno a uma busca de reforço das relações interpessoais, buscando despojamento se dá neste contexto. No entanto, a ideologia individualista que se constitui em cenário mesmo dessas relações não ilide a possibilidade da construção de relações interpessoais menos permeadas pela coisificação, pois o contato propicia a união entre os peregrinos, com Deus ou consigo mesmo. Este é um contraste importante, pela pretensa ruptura que se propõe – uma construção de representação da oxigenação das relações modernas entre homem e coisa como proposta da peregrinação.

A relação com as coisas é simbolizada e vivida diversamente pelos peregrinos. A mochila ao se constituir em representação material das necessidades básicas do peregrino implicaria no estreitamento dos laços com a mesma obrigando este a carregá-la sempre durante o trajeto como a síntese de seus pertences e de si mesmo. No entanto, durante o Caminho das Missões e mesmo no Caminho de Santiago observei as pessoas pagarem para ter suas mochilas transportadas, do que concluo que a relação com a mesma no caminhar é vivida e representada de várias formas pelos peregrinos. A mochila pode ser percebida, neste sentido, como um acessório ou como um fardo. Durante o Caminho de Santiago de Compostela, em maio de 2004 uma peregrina comentou ao ver pessoas sem suas mochilas durante o difícil trajeto entre O Cebreiro e Samos: “a minha cruz eu mesma carrego.”

Neste sentido, a peregrinação é também simbolizada ora como um espaço de sofrimento ora como um espaço de prazer: “le pèlerinage c’est pas le calvarie”²⁰, as representações, no entanto, se relacionam à experiências de religiosidade vivenciadas e propiciadas nas peregrinações.

No Caminho das Missões, os espaços de religiosidade se constituem em locais de visitação, mesmo que não tenham uma relação direta com o passado missionário na região. Em São Luiz Gonzaga, visitamos a “gruta Nossa Sra. de Lurdes construída em 1926, como promessa a retirada das tropas guerrilheiras da coluna Prestes em 1924” (Guia do Peregrino p.10). Lá fizemos (como manda a tradição) nossos três pedidos e rezamos juntos para o bom

¹⁹ TURNER, Victor. Iden p. 169.

²⁰ Manifestação de Jacqueline em Tossantos ao tomarmos um ônibus para Burgos no Caminho de Santiago de Compostela em 10/05/2004.

andamento de nossa atividade. A gruta foi construída com pilares e pedras pertencentes às Missões.

O Caminho das Missões, enquanto experiência de peregrinação, se constitui em propiciador desse tipo de atividade de religiosidade ao incluir em seu roteiro lugares de devoção, dentro e fora do espaço das reduções. Quer se constituam os mesmos em ruínas tombadas ou não. Este é um passaporte para efetuar a relação entre o passado e o presente ao se constituírem em lugares de memória²¹ missioneira, cujo caráter principal veiculado é a mensagem cristã do vivido por índios e jesuítas e sua continuação.

São Luiz Gonzaga se constitui em um lugar peculiar em termos de memória missioneira, porque, como em Santo Ângelo, na cidade não há ruínas das Missões, mas há representações produzidas e veiculadas que desejam caracterizá-la como um local de Missões. Percebi uma ênfase à construção da visibilidade de um passado missioneiro que não é tão aparente, mas a que as placas do Caminho das Missões contribuem, enquanto sinalizadores, como demarcatórias de um desejo de ser missioneiro expresso em algumas representações. Durante a tarde visitamos a igreja da cidade, onde há inúmeras imagens missioneiras e dois museus. No Museu Arqueológico inaugurado em 1992 a guia nos apresentou vestígios arqueológicos das Missões e suas interpretações:

- O índio era um artista mesmo. Ele não sabia criar, mas copiava muito bem. (...) As Missões foram destruídas por causa da Guerra Guaranítica, do Tratado de Madrid Os próprios índios queimaram. Se eu não posso ficar contigo, te mato. (Diário de Campo n° 3).

Sua visão demonstra a relação efetuada entre as Missões e o universo jesuítico, em que o índio é percebido como inferior e não civilizado, reproduzidor e não criador.²² A respeito da arte e do barroco missioneiro os peregrinos exaltaram:

ANTONIO:

- Veja bem a parte da arte foi importante, porque esses índios de repente se tornaram escultores, pintores, cantores, nesta parte da arte eles cantavam na aldeia deles, é uma parte da expressão da arte que eu vejo através dos jesuítas, da igreja, sei lá, mas a expressão da arte não pode ter fronteiras.

ELÍSIO:

- O guarani mostrou uma coisa interessante que sempre se falou que se foi obrigado a buscar o negro na arte porque o índio brasileiro não aceitava o trabalho, indolente e tal e por outro lado o guarani mostrou que ele era marceneiro, metalúrgico, construtor civil e que além disso ele desenvolveu o que já existia de cultura lá de música poesia que eles tinham sofreu uma adaptação dos jesuítas, em vez de cantar lá para o pajé eles estavam cantando música de igreja pra Deus, pronto. Tocavam harpa, piano, mas na verdade se não tiver um dom musical não vai aprender. Até porque os negros não aprenderam.

²¹ AUGÉ, Marc. *Un ethnologue dans le métro*. Paris: Pluriel, 1985.

²² Sepp [1710] 1985 p. 144-145

GUSTAVO:

- A diferença que tem entre o barroco missioneiro e o barroco mineiro é que o barroco mineiro leva as feições negróides, o missioneiro leva as feições indígenas. Na verdade, é eu não sei se houve uma descaracterização da cultura guarani ou se os guaranis evoluíram porque a evolução implica em abandonar algumas coisas em prol de outras melhores e o que nós vimos aqui foi uma evolução fantástica, não é. Eu acho que pra eles foi uma coisa ótima no sentido de melhorar a longevidade, melhorar a qualidade de vida deles, diferentemente do yanomames e outros. Atualmente o contato deles com o branco é uma coisa mortal. Em compensação esses daqui não, eles evoluíram como pessoas conseguiram assimilar a arte construtiva de pintura melhorando a cultura deles, agora. Veja lá o que aconteceu com os yanomames e os outros, estão morrendo. (FITA K 7 1B)

As falas expressam a diversidade da recepção da arte missioneira pelos peregrinos no Caminho das Missões. Por um lado, mencionam a questão da expressividade guarani no seu modo de vida originário e a manutenção da mesma nas Missões. A transição significou, segundo eles, a possibilidade da manutenção da arte, como um 'dom' que os jesuítas souberam explorar, passando a se manifestar em outros cânones, atingindo assim o lema da Companhia de Jesus *ad maiorem dei gloriaem*, como menciona Sepp. A significação de cantar para o pajé e passar a cantar para Deus (Elísio) não é representada como descaracterizadora ou preocupante. No seu entendimento essa transição ocorre de forma pacífica, celebrando a vitória da civilização jesuítica operada junto aos guaranis, conduzindo a evolução (Gustavo).

Os parâmetros para a análise são negros e índios artistas anônimos dos barrocos missioneiro e mineiro em oposição, enquanto sujeitos criadores detentores de habilidades naturais de que a cultura imposta apenas aprimorou. Em suma, a visão de arte missioneira desses peregrinos está mais preocupada em compreender as Missões do que a descaracterização do universo guarani, ao contrário da visão de João que questiona a evangelização:

- Eu acho que existe uma tendência de muitas vezes os livros passarem pra ti uma história bonita então a gente imagina que ali foi construída uma cidadela, onde viviam os índios em comunidade, mas não se fala muito do sofrimento que os índios passaram aqui, da própria construção. Se eles não chegaram, por exemplo, a serem escravizados, no sentido de eles serem os construtores daquelas casas daquela igreja. Então imagina quantos não devem ter morrido, sofrido durante todo esse processo. Muito mais se esse processo de evangelização que estava sendo passado pra eles, isso não é colocado assim ah eles estavam lá evangelizando índios como uma coisa muito boa, mas será que isto realmente era preciso? (FITA K7 2 A).

Os questionamentos de João demonstram a relação de contestação á comemoração incessantemente veiculada pelo Caminho das Missões e partilhada por parte dos peregrinos.

Ao contrário das falas anteriores há uma crítica ao processo de transição a que foram submetidos os guaranis nas Missões e a visão comunitária da sociedade missioneira.

É interessante assinalar que as opiniões divergentes acerca do passado missioneiro e sua recepção no Caminho das Missões ocorreram de forma incidental, a partir de bate-papos nos momentos de parada sem causar qualquer desconforto ou provocar animosidades entre os peregrinos em sua jornada.

São Lourenço foi nossa próxima parada para visitação após duas jornadas de 27km trilhadas em um calor escaldante na estrada de terra vermelha, com muito cascalho. As ruínas da redução de São Lourenço Mártir se situam no município de São Luiz Gonzaga. É um lugar muito pobre sem infra-estrutura para o turismo peregrino em termos de alojamento e alimentação.

Na entrada do sítio arqueológico encontramos ovelhas pastando designadas como “ovelhas missioneiras” pelo guarda local. Possuíam uma aparência muito rústica e sua designação como missioneiras, segundo ele, se deve a sua introdução pelos jesuítas assim como a conhecida introdução do gado nas Missões durante o século XVII. A presença dos animais na redução, representados como nativos (das Missões), herança desse passado, remete a questão do termo missioneiro/missioneira tão utilizado, não apenas como algo que se relaciona a região das Missões, mas como detentor de uma especificidade situada para além da sua caracterização como mescla jesuítica-guarani.

Há uma conotação racial e o termo missioneiro pode ser pensado como um *ethnotype* construído para valorizar a região a partir de características “naturais” atribuídas como específicas, mas que se constituem em características socialmente elaboradas.²³

A questão da construção do *ethnotype missioneiro* se refere também a algumas pessoas que encontramos em São Lourenço que nos pareceram possuir ascendência indígena. Sua não identificação como descendentes dos habitantes originários e sua percepção como missioneiras nos múltiplos sentidos atribuídos ao termo, remete a forma de integração ao universo a que pertencem, que discrimina o índio e enaltece o missioneiro. Nesse sentido há necessidade de elucidar as relações referentes à contraposição das formas como são construídas e acionadas as identidades (indígenas e missioneiras) em termos de turismo na região, a fim de perceber a lógica dessas apropriações e seus objetivos.

Apesar da presença indígena em São Miguel e de uma “herança” velada pelos habitantes da região expressa na sua aparência o que é utilizado em termos de turismo é o

²³ THIESSE, Anne-Marie. *Ils apprenaient la france: l'exaltation des régions dans le discours patriotique*. Paris: MSH, 1997 p.38.

missioneiro enquanto híbrido. A dinâmica dessa apropriação é permeada pela disparidade da qualidade oferecida pelo pacote que igualmente utiliza o *missioneiro* como *ethnotype* para justificar as más condições oferecidas em alguns locais de parada.

São Lourenço é apresentado no Guia do Peregrino (p.10): “o local guarda muito das lendas e da magia do povo missioneiro”, numa apropriação efetuada na tentativa de criar atrativos para o local. Segundo os peregrinos essa idéia fica obscurecida pelas condições estruturais oferecidas já que para Elísio:

- As pessoas pensam que peregrino faz voto de pobreza, mas isto não é verdade, pois os peregrinos gostam de conforto em suas paradas. Os peregrinos não são turistas, mas incentivam o turismo que passa a se desenvolver em torno da atividade de peregrinação, como em Santiago de Compostela.” (diário de campo 3).

Essas manifestações de desconformidade conduzem a reflexão sobre o tipo de turismo *missioneiro* oferecido pelo Caminho das Missões, em contraste com uma negativa por parte dos peregrinos de se representarem e reconhecerem como turistas, mas que apresentam exigências de turistas.

São Miguel das Missões ilustra essa situação da “identificação” do peregrino com o turista. Lá fomos encaminhados a uma pousada com toalhas, roupas de cama e alojamentos separados para homens e mulheres¹³, além de os casais do grupo, poderem ocupar quartos separados. As diferentes relações estabelecidas pelos peregrinos com a estrutura turística oferecida pelo Caminho das Missões, em suas necessidades, reclamações e elogios me autorizam a caracterizá-los como turistas em discordância as colocações acima mencionadas de não se reconhecerem como tal. Há a representação da dependência da infra-estrutura oferecida pelo pacote embora todos trouxessem sacos de dormir e suas pequenas toalhas/fraldas nas mochilas.

Marc Auge²⁴ se refere às diferenças e a conjunção de interesses entre os turistas e os peregrinos, ao analisar as visitas ao Mont Saint-Michel, o apresentando como um lugar representado como santo, em que apesar das diferenças há uma comunhão de interesses compondo o cenário de visitaçao. Se para o autor há uma interação entre turistas e peregrinos, no Caminho das Missões observei uma conjunção dos interesses de ambos, cuja identificação varia de acordo com a situação de movimento ou estática em que se encontram: como

¹³ Nosso quarto coletivo foi batizado por João de Canoas de *cotiguaçu* que nas Reduções correspondia a um local sem janelas para o exterior e com grande pátio interno onde viviam as índias viúvas e os órfãos. CITA FONTE. A designação ao nosso quarto se deu em função de dormirmos apenas as mulheres peregrinas que não vieram acompanhadas. Por isso deveriam ser colocadas no *cotiguaçu*, se possível vigiadas pelos integrantes do alojamento masculino..

²⁴ AUGÉ, Marc. *El viaje imposible*. Madrid: ed. Gedisa , 1997 , p. 66.

peregrinos. Ao andar, jamais se queixam de dores ou das dificuldades do trajeto, mas reclamam das condições dos locais de parada.

Muitos turistas peregrinos que conheci no Caminho das Missões têm como referência de suas necessidades a estrutura que conheceram no Caminho de Santiago de Compostela e a que inúmeras vezes se referiram, mencionando os albergues em que pernoitavam, onde havia: “de tudo abandonado pelos peregrinos que lá passavam, a fim de que pudesse ser aproveitado por outros, da hospitalidade e camaradagem e do *menu peregrino*”.

Há uma nítida mitificação em torno do Caminho de Santiago representado e vivido como paradigma de peregrinação, na construção das identidades peregrinas acionadas. Um verdadeiro peregrino, neste sentido, deve percorrê-lo ao menos uma vez, e conquistar a *Compostelana*, a que os peregrinos se referem com certo orgulho. A *Compostelana* é um certificado, escrito em latim, conferido aqueles que percorrem pelo menos 100 Km do Caminho de Santiago.

O Caminho das Missões, enquanto proposta turística de peregrinação incorpora e explora o Caminho de Santiago como referente na sua montagem:

- Nós tomamos como ponto fundador o Caminho de Santiago de Compostela, mas é claro gente nós trabalhamos os aspectos históricos, místicos, culturais prá fundamentação do nosso projeto até porque existem diferenças muito grandes, até porque esta foi a maneira que nós adaptamos e ainda estamos construindo o Caminho das Missões. A sinalização esta bem precária, assim como outros projetos na parte de cultura. Os próprios certificados houve uma demora e agora a gente está aguardando pra poder entregar as pessoas os certificados de peregrinos das Missões. Pra quem não vir a este evento a gente vai achar uma maneira de mandá-lo. (FITA K7 1 A)

As Missões são trabalhadas em termos de suas atrações que expressam o modo de ser missioneiro e a estrutura ao contrário do Caminho de Santiago – “peregrino não paga para caminhar” (diário de campo 3) – é oferecida como pacote, não havendo alternativas em termos de escolhas e privacidade na maior parte dos lugares por onde passamos. O caminho das Missões (rota concebida) é a razão de ser do Caminho das Missões como agência turística, deixando de existir se a agência não o oferecer o que ocasiona uma ausência de autonomia ao peregrino e ao próprio caminho literalmente produzido como turismo pela agência Caminho das Missões.

Vários aspectos históricos, culturais e místicos mencionados acima foram externados pelos peregrinos após a visita guiada que fizemos as ruínas de São Miguel (veiculada no Rio Grande do Sul como cartão postal das Missões). O aspecto mais exaltado foi o impacto causado pela presença numerosa dos mbyás-guarani da Comunidade Koenju, da reserva de

Nhancapetun, que vendiam seu artesanato e secavam algumas roupas sobre as pedras. Ouvi alguns comentários, enquanto visitávamos o museu de onde os avistávamos através dos vidros: “Eles não tem como viver assim, não trabalham”; “Um índio bem moderninho, cabelo pintado”; “Passou um por mim fumando, isso vicia”; “Tiraram tudo o que era deles” (diário de campo 3). Neste sentido também se expressaram Carmem e João:

JOÃO:

- Eu acho muito triste ver eles ali daquela maneira, tendo que vender um artesanato, que eu acho que é uma coisa maravilhosa, o seu conhecimento. Mas eu olho pra aquilo e me dá a impressão de que eles estão esmolando, sabe querendo sobreviver e as pessoas passam por ali e não reconhecem que tudo aquilo em volta foi deles que eles não precisavam mendigar, eles não precisavam de um tipo de moeda pra comprar um pão, eles tinham a terra deles, o sol, a água, o alimento eles foram subjugados, mais massacrados, cada vez colocados mais num canto e parece que isto vai desaparecer, eu acho que a gente deveria tomar uma providência de preservação, da gente ajudar de uma outra maneira, mais mantendo eles num lugar onde eles tenham condições de fazer o que eles faziam. (FITA K7 2 A).

CARMEM

- Eu acho muito triste a situação deles porque eles não têm noção do que eles foram, porque eles eram aqui dessa terra. Eles não têm expectativa. Eles são um povo sem terras, sem ideais e eles estão perdidos e isso foi o homem que deixou porque eles tinham e o branco veio e deixou eles sem nada, eles estão á margem da civilização sem conhecer e saber o poder que tinham. Acho eles deslocados ali, a gente vê que eles estão ali por uma circunstância, porque eles ficaram sem nada é a única alternativa que eles têm, alguém deve ter trazido eles pra ali porque eu acho que eles não têm conhecimento do que eles são. (FITA K7 2 A).

As percepções denotam um distanciamento entre a representação que possuem dos índios e o choque do encontro com os mesmos nas ruínas de São Miguel, em que são percebidos e negados como outros. São recriminados por sua aproximação a hábitos e gostos brancos, ao mesmo tempo em que identificados como não trabalhadores. Percebi uma confusão representacional na caracterização dos mbyá-guaranis, porque se por um lado são reprovados por pintarem os cabelos e fumarem (perda de autenticidade e da tradicionalidade indígena em que os inserem, constatando o estágio de aculturação em que se encontram), por outro são percebidos como não trabalhadores, quando deveriam adaptar-se, nesta linha de raciocínio, ao universo capitalista em que se inserem. Os comentários efetuados não contemplam um projeto de como deveriam “ser” os guaranis que ali estão, mas denotam sua desconformidade com o que parecia esperarem encontrar. Há consciência em termos das atrocidades efetuadas em nome do processo civilizatório e uma dificuldade em perceber nas diferenças encontradas a vontade e autonomia indígena. Nas expressões de ambos o índio, conforme seu estatuto legal de relativamente incapaz, deve ser cuidado, protegido, reconduzido. É representado pela ausência de tudo, cabendo ao branco reinseri-lo e não ao índio buscar alternativas e dialogar.

Outro ponto bastante marcante de nossa passagem por São Miguel foi a recepção de alguns peregrinos ao espetáculo *Som e Luz*. Para Alice e Antonio:

ALICE

- Uma coisa que me chamou atenção foi ali em São Miguel quando eles fizeram aquela representação o teatro que a gente toma a história como ela é realmente.” (fita k7 1B).

ANTONIO

- Interessante ele trás a história de volta, a gente houve falar no secundário da história das Missões e não imagina a dimensão que isso atingiu e que durou 150 anos isso e eu não tinha essa dimensão da perfeição, da distribuição de riquezas nessa sociedade de jesuítas e da arte e eu nunca tinha visto e eu achei magnífico como eles trabalhavam a pedra e madeira, as coisas que os guaranis faziam e eu achei muito bonito. Então aquele espetáculo trás isso de volta e dá uma dimensão exata de como as coisas aconteceram e infelizmente de como as coisas se repetem na história, né. Se atinge um ápice, um ponto em que estavam felizes, em harmonia de repente acabou tudo. Então nesse ponto eu achei válido o espetáculo. (FITA K7 1B).

O *Som o Luz* é percebido como representação teatralizada, do que realmente ocorreu nas Missões e não como uma das visões possíveis a respeito do passado missioneiro. Há um aspecto pedagógico ressaltado no espetáculo nas identidades do passado missioneiro que expressa com a exaltação de heróis e a criação de mitos missioneiros – as figuras de Sepé Tiaraju e do padre Antônio Sepp, por exemplo, que reforçam visões idílicas acerca das Missões como as já citadas percepções da civilização jesuítica guarani e da sociedade igualitária e sem contradições em que o passado é comemorado, sendo mostrado como exemplo para o presente.

Apesar do apelo do *Som e Luz* e da impactante presença mbyá-guarani, a partir da nossa saída de São Miguel notei que o grupo estava mais interessado em vencer o percurso e se divertir. As menções ao passado missioneiro adquiriram um tom jocoso. A inesquecível lingüiça missioneira (um misto de carne de gado e de porco) mencionado em seu poder de combustão e reprodução “os índios procriavam por causa da lingüiça”; “ai como era grande”. A picanha no churrasco descrita como “carne do cabildo”. O cabildo, instituição colonial espanhola, nas Missões correspondia ao ‘poder temporal’ reunindo caciques que votavam e deliberavam administrativamente. A referência à carne do Cabildo pode ser entendida como uma carne diferenciada em sua qualidade e servida para pessoas especiais conforme conceberam serem os caciques nas Missões e os próprios peregrinos.

Em Carajazinho local do nosso quinto pernoite encontrei peças das Reduções, servindo de base a um pilar de madeira, como mesa e colunas sendo usadas como vasos, que foram aproveitadas também por alguns peregrinos para alongar antes do nosso trajeto matinal, denotando uma consciência de preservação que não contempla os vestígios fora do espaço em que deveriam estar, ou seja, as Missões.

A visitação ao sítio de São João Batista, situado no município de Entre-Ijuís ocorreu no final da manhã, onde assistimos a um vídeo sobre o trabalho arqueológico ali desenvolvido. Dentro do próprio sítio há um monumento de 1959 em homenagem ao padre Sepp e a primeira fundição de ferro¹⁴ de autoria de Valentin von Adamovich. Este monumento é anterior ao tombamento de São João Batista como patrimônio histórico nacional, ocorrido em 1970 e demonstra, a necessidade de sinalização via concepção do monumento e sua inserção no cenário da ruína significando a vontade de perpetuar a atuação de Sepp, seu criador, que não está expressa nos vestígios que restaram São João Batista²⁵.

Essa necessidade de sinalização e mediação foi mencionada no nosso último pernoite durante um papo com os peregrinos acerca do caminho e suas impressões. Elisio elogiou a conformação de São João Batista em sua estrutura turística, por causa do vídeo e do trabalho pedagógico efetuado pelo guia. Por seu turno, Gustavo:

- O que mais me chamou a atenção em termos de Missões foi a evolução das ruínas de São Miguel. Eu como já tive oportunidade de dizer a primeira vez que estive nas ruínas de São Miguel foi em 1969. Não existia absolutamente nada a não ser as ruínas e se visitava, podia subir, tirar uma pedra de lá e fazer qualquer coisa que você quisesse. Voltei aqui em 1989, com a Vera e o Frederico meu filho e já encontramos uma diferença bastante grande e muito surpreendentemente agora nós encontramos uma mudança radical porque a cidade melhorou com a emancipação do município com a formação daquele restaurante, daquele hotel, do IPHAN ter colocado lá pessoas trabalhando, gabaritadas, do próprio espetáculo Som e Luz progrediu assim tremendamente, então isto trás muita alegria para a gente, isso é valorizar aquilo que é nosso, este é o caminho. (FITA K7 1B).

Há a necessidade representada de que nas ruínas missioneiras se deve obrigatoriamente fomentar o turismo como única forma de torná-las atrativas e que devem se prestar ao desenvolvimento da região. Suas alusões salientam que as mesmas não “falam” por si só, enquanto espaços/ lugares de memória missioneira. Seus espaços devem ser reconcebidos e devem ser mediados, como condição de entendimento das mesmas por um trabalho pedagógico que as apresente. Esta seria uma das condições para a manutenção do vínculo entre o passado e o presente segundo os mesmos, ou conforme se expressa Antonio:

- Queria falar ainda da falta de cuidado, a gente fica imaginando um dia em que aquelas igrejas pudessem ser reconstruídas e que aquela área da praça pudesse servir de albergue, para que as pessoas pudessem viver a história e ao mesmo tempo servir de acomodação. Uma coisa integrada das pessoas estarem vivendo a história e ajudando a sua reconstrução. (FITA K7 1B).

¹⁴ Sobre a atuação de Antonio Sepp e alguns aspectos da redução de São João Batista consultar: BRUM, Ceres Karam “*Integração: uma categoria para estudar a atuação do padre Antonio Sepp nas Missões*”. Dissertação de mestrado em Integração Latino-Americana CCSH-UFSM/1999.

²⁵ FABRE, Daniel (org). *Domestiquer l’histoire: ethnologie des monuments historiques* Paris: MSH, 2000.

A sua fala mostra as possíveis relações estabelecidas, enquanto turista-peregrino de conceber as ruínas missioneiras no presente, tendo como referente o passado. Há um desejo de cuidar e reviver a experiência missioneira através da reconstrução de alguns de seus espaços como forma de ligação com o presente, numa etapa diversa do contato propiciado neste momento pelo turismo peregrino. Seu imaginário contempla a possibilidade de integrar os dois momentos e se transportar de uma forma mais real através da reconstituição do espaço reducional. Por enquanto, o próprio fato de ter estado nas Missões no presente enquanto turista-peregrino já propicia este retorno ao passado.

No entanto, a dimensão que a experiência missioneira passada adquire, para cada um dos peregrinos não pode ser generalizada. Pois se de uma maneira há uma tendência de comemoração, enquanto ênfase de religiosidade, por parte do Caminho das Missões, por exemplo, tal perspectiva não impede outros tipos de relações com esse passado, tais como a crítica e a necessidade de um “acerto de contas” com a questão indígena na atualidade e de crescimento pessoal mencionada por todos os peregrinos, bem como a própria comemoração da obra jesuítica já destacada anteriormente.

Considerações Finais

No sétimo dia de peregrinação trilhamos os 16km finais que nos conduziram a Santo Ângelo (último dos Sete Povos fundado em 1706). Atravessamos o rio Ijuí de balsa. Entramos na cidade através de uma pequena rua, mencionado como um antigo caminho jesuítico que nos levou a Catedral Angelopolitana. Os sinos dobraram para saldar nossa chegada e o padre nos recebeu com Marta nas escadas da igreja ressaltando em um pequeno sermão o significado do caminhar e da experiência missioneira. Cansados e emocionados escutamos com atenção e nos abraçamos saudando o final daquele percurso, o privilégio de termos nos conhecido; o fato de estarmos nas Missões sob a cruz de dois braços que nos abençoava do alto da catedral. Este foi o final comovente e ritualizado do Caminho das Missões para cada um dos peregrinos que dele participou.

Era um momento de celebração que se seguiu até após o almoço quando nos separamos. Uma profunda celebração do ter sido Peregrino das Missões, perceptível nas suas fisionomias emocionadas. Da minha parte uma celebração pelo aprendizado de ser antropóloga, tentando entendê-los no seu percurso pelas Missões e nas relações que estabeleceram com a região e o seu passado. Mais do que isto eu me senti também uma

peregrina naqueles momentos não apenas em busca das informações que necessitava, mas pelo ser peregrino que cada um deles havia me mostrado.

Nossas vidas retomariam seus rumos enriquecidos por aquela semana de maio de peregrinação. Cada um de nós como peregrino das Missões retornava agora ao seu mundo cotidiano, mas ao contrário de uma ruptura com o mundo é possível pensar em sua reorganização e fortalecimento²⁶ representados nas percepções de João e Oswaldo pela continuidade e pela riqueza de cada caminho:

JOÃO

- Não só este caminho como todos os outros que eu já fiz eu acho que eles têm assim muita importância tanto pelo lado físico que é o próprio caminhar que é uma coisa que faz bem pra saúde, que ativa a tua coisa toda e também no lado espiritual, no sentido de uma busca de uma paz interior de renovação durante o caminho e, além disso, eu acho que é um momento para se fazer novos amigos e além disso, como foi o caso de duas pessoas neste grupo que eu já havia feito caminhadas antes e fazia um bom tempo que eu não via. Uma bela oportunidade para esse reencontro, porque os caminhos são feitos assim, os caminhos são feitos de encontros e eu acho que a coisa melhor do caminho são os reencontros. (FITA K7 2 A).

OSWALDO

- Sim, eu me senti energizado tal qual no Caminho de Santiago ao saber que 300 anos atrás, houve lutas, conquistas, mas principalmente saber que os jesuítas conseguiram fazer índios, bugres, estranhos, ignorantes trabalharem, moldarem, construir. Isso é o inusitado. Que, dois padres para gerenciar 5 mil e tantos índios em alguns povoados como São João Batista. Isto é um mérito, eles tinham uma disciplina militar. Como é que eles conseguiram o trabalho com psicologia desses?. Eu fiquei particularmente impressionado com a região de São Miguel das Missões eu acho que ali é emocionante, é fantástico, uma coisa que eu vou escrever, vou transmitir. Como alguém conseguiu construir aquilo há 300 anos atrás. Foi uma emoção muito grande e diferente. E isso eu pretendo divulgar, isso eu escrevo. Tenho alguns escritos na internet e vou, também tenho o compromisso de escrever no site e também no jornal de Campinas porque eu quero divulgar essa emoção que eu senti que foi é uma coisa que eu não pensava que existisse mais. Ao entender a saga do povo guarani e o que eles construíram com tão poucos recursos num local tão longe do mar onde aportaram. Isso emocionou muito e eu acho que tem que ser preservado, estudado, pesquisado e tem que ser divulgado. É uma coisa maravilhosa que eu não tinha conhecimento que pudesse encontrar aqui. (FITA K 7 2 A).

As falas expressam uma solução de continuidade e o significado que cada caminho adquire na vida dos peregrinos. Como se os caminhos e os reencontros fossem interrompidos pelo cotidiano de cada um, numa representação de inversão em que a pausa é dada pelo não caminhar.

O caminho é também vivido pelas marcas que deixa, pelas lembranças e pelos laços que produz. Neste sentido, insiro os aspectos do passado missioneiro comemorados por

²⁶ NASCIMENTO, Silvana. *A romaria do Divino Pai Eterno*. Dissertação de mestrado em Antropologia USP, 2000.

Oswaldo. Uma celebração que passa pela negação da cultura dos habitantes originários e sua discriminação, numa percepção do caráter de evolução propiciado pelos jesuítas com relação aos índios e de sua capacidade civilizadora. O estar no espaço dos vestígios é representado como marca de religiosidade legada das Missões, provocando em Oswaldo a sensação de energização, analogamente ao espaço percorrido no Caminho de Santiago também concebido como sagrado.

O caminho para ele não termina com a conclusão do trajeto, mas se estende como um compromisso de divulgação das experiências que vivenciou enquanto peregrino através de seus escritos,¹⁵ o que conduz a criação de uma rede entre os mesmos que vai além dos encontros propiciados nos caminhos e dos congressos de peregrinos estendendo-se ao seu cotidiano através da internet e prolongando o convívio anteriormente iniciado. Esta é uma das facetas do ser peregrino que deve também ser considerada na busca de compreensão de suas identidades em construção, pois demonstra que os peregrinos se identificam, reconhecem e mantêm seus laços para além do espaço dos caminhos, através das trocas de impressões e percepções.

Assim, à história forjada do caminho se mescla a história de vida de cada peregrino sendo por ele ressignificada. As visões do passado das Missões se somam a visão de outros passados acionados através de outros caminhos na construção do peregrino enquanto pessoa, de sua energização, de seu auto-conhecimento e das peregrinações enquanto atividade de múltiplos contatos. A relação preponderante percebida com o passado missionário é o produto das interações individuais que conduzem ao reforço das identidades dos peregrinos enquanto grupo, impulsionado pelo *missioneiro* como atrativo explorado pelo Caminho das Missões.

¹⁵ Cerca de 45 dias após retornar do Caminho das Missões recebi um e-mail de Oswaldo, convidando para percorrê-lo novamente, desta vez através da visita ao site www.caminhodesantiago.com.br onde encontrei, além de inúmeros outros escritos seus e demais peregrinos um relato minucioso denominado *Caminho das Missões em 7 etapas*